



CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIRÓS

A. Gomes da Costa

*Não estou melhor. Ao contrário. Ramalho e Prado partiram hoje para a sua viagem até à Itália. Fiquei em plena solidão, – escrevia, desanimado e triste, de Glion-sur-Montreux, o nosso Eça de Queirós, em carta dirigida a sua mulher, D. Emília de Resende, poucos dias antes de morrer. Ainda seguiu para Lucerna, em busca da cura entre as montanhas. Mas já não se livraria da doença que implacavelmente o perseguia: a Suíça foi uma *failure* - e, por isso, regressava a Paris em 11 de agosto. Sentia-se exausto. Chegava ao fim. Talvez naqueles dias, em que pressentia a proximidade da morte, tivesse perto de si, invisíveis mas solidários com o seu sofrimento, alguns personagens de sua criação: o Afonso e o Carlos da Maia, a Amélia e a Luiza, o Primo Basílio e o Conselheiro Acácio, o Dâmaso Salcedo e o Padre Amaro, o João da Ega e o Gonçalo Mendes Ramires, a Joaneira e a tia Patrocínio. E pairando sobre todos, o Carlos Fradique Mendes, que para muitos seria a idealização da sua própria vida, como observou Luiz Viana Filho.*

Em 16 de agosto de 1900, olhando pela janela aberta o jardim cheio de tílias e com D. Emília a soluçar aos pés da cama, Eça de Queirós morreu.

Com exceção de poucos, que ainda têm gosto pela literatura, a maior parte dos brasileiros das novas gerações não leu um único livro do escritor português; nem lhe saboreou o estilo; nem curtiu os tipos de seus romances;

nem se divertiu com as suas ironias – nem tampouco faz idéia do quanto ele foi “popular” no Brasil, por causa das polêmicas que desencadeou, das amizades de brasileiros que enriqueceram sua vida e das devoções que depois de sua morte foram surgindo por toda a parte em torno do seu talento e da sua Arte. Desde o episódio de *As Farpas*, em que envolveu o Imperador D. Pedro e a sua mala preta, até à colaboração na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro; ou desde os seus romances, com tantos personagens a participar de episódios da vida brasileira; ou desde as afinidades do berço e da infância até à tentativa de ser cônsul na Bahia ou ao projeto da *Revista de Portugal*, o Brasil é uma constante na biografia e na obra de Eça de Queirós. Tem muito mais interesse, por exemplo, do que a Inglaterra e a França – dois países onde o escritor viveu, depois da passagem rápida por Havana, em missão diplomática.

A leitura de Eça foi moda e paixão. Tempos houve em que se devorava tudo o que escrevia. Criticava-se a textura naturalista de seus dramas; repeliam-se as suas estocadas; admirava-se a beleza de sua prosa; cultivava-se a genialidade de sua criação e de seu estilo. E, por isso, não surpreende a quantidade de estudos queirosianos que se desenvolveram no país: do Eça agitador ao Eça socialista; das relações com Eduardo Prado, Domício da Gama, Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Olavo Bilac e outros, à repulsa da “espada do marechal Fonseca;” do gênero literário à crítica da burguesia; da gastronomia à música em sua obra; da prosa cristalina e ondeante à irreverência contra uma sociedade que não suportava por tão cheia de mazelas e de hipocrisias. Formaram-se “padarias espirituais”, cenáculos e clubes de ecistas; recitavam-se aos serões trechos inteiros da correspondência de Fradique Mendes; liam-se os escritos póstumos e procurava-se nos registros da Irmandade da Candelária a certidão de batismo do pai do romancista. As revistas acadêmicas enchiam-se de trabalhos sobre temas queirosianos e nalgumas cidades erguiam-se bustos e estátuas para homenagear o “pobre homem da Póvoa de Varzim”, com seu monóculo, como no *Album das Glórias* de Rafael Bordalo Pinheiro.

As afinidades com o Brasil e com os brasileiros contribuíram, evidentemente, para aumentar a fama do escritor deste lado do Atlântico. Apesar das bordoadas de Goiana e das reações contra alguns de seus textos “farpescos”, o certo é que desde cedo começou a esboçar-se uma profunda admiração pelo autor de *O Primo Basílio*. Enquanto a obra de Camilo Castelo Branco, narrando os amores de perdição, as novelas do Minho e os cenários rurais, freqüentava as casas e as associações dos emigrantes portugueses – a maior parte tinha vindo das aldeias onde viviam os personagens retratados pelo escritor de S. Miguel de Seide –

com Eça ocorria um fenômeno diferente e era entre os brasileiros que aumentava a sua popularidade e o seu prestígio.

É inegável que existem até hoje focos desse culto queirosiano principalmente entre os mais velhos, que viveram na sua adolescência e formação um período onde o nome e a obra do escritor estavam muito presentes no Brasil. E a pergunta que cabe fazer agora é se a televisão, com a produção de minisséries – há alguns anos foi *O Primo Basílio*, com Giulia Gam, no papel de Luisa e Marília Pera no de Juliana e agora são *Os Maias* com Ana Paula Arósio a representar Maria Eduarda e Walmor Chagas, o velho fidalgo de Santa Olávia – poderá “ressuscitar” o grande romancista e tornar sua obra tão conhecida entre nós como já foi.

Uma coisa é certa: nenhum escritor português entrou tão profundamente na alma dos brasileiros como Eça de Queirós.